

**INFORMAMOS QUE ESTA É UMA PRIMEIRA VERSÃO DO TEXTO  
APROVADO PARA PUBLICAÇÃO. ESTE ARTIGO AINDA PASSARÁ PELA  
FASE DE REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO.**

**ID: 3100**

**DOI: <https://doi.org/10.30962/ecomps.3100>**

**Recebido em: 03/07/2024**

**Aceito em: 20/03/2025**

## **A obsolescência da comunicação: da arte de narrar ao extrativismo de dados**

**Gustavo Moura de Cavalcanti Mello**

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil

**Franciani Bernardes**

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil

**Resumo:** O artigo propõe uma análise sobre a relação entre a indústria cultural e o avanço das tecnologias da informação e da comunicação (TICs), notadamente à luz das ideias de Walter Benjamin, Theodor Adorno e Günther Anders, a partir de uma pesquisa bibliográfica. Dentre os fenômenos e as tendências contemporâneas investigados, destaca-se a perda de referência e de memória histórica, diante da afirmação do *presentismo*; o confronto à noção de *verdade objetiva*; os processos de *extrativismo de dados* e de *captura do olhar*; e a emergência de novos paradigmas da imagem que fazem avançar a *estetização da política*.

**Palavras-chave:** Indústria Cultural. Desinformação. Fake News. Redes Sociais. Fetichismo.

## **The obsolescence of communication: from the art of narration to data extraction**

**Abstract:** The article proposes an analysis of the relationship between the cultural industry and the advancement of information and communication technologies (ICTs), notably in light of the ideas of Walter Benjamin, Theodor Adorno e Günther Anders, through a bibliographical research. Among the contemporary phenomena and trends investigated it has been highlighted the loss of reference and historical memory, given the assertion of presentism; the confrontation with the notion of objective truth; the processes of data extraction and eye capture; and the emergence of new image paradigms that advance the aestheticization of politics.

**Keywords:** Cultural Industry. Disinformation. Fake News. Social Networks. Fetishism.

## La obsolescencia de la comunicación: del arte de la narración a la extracción de datos

**Resumen:** El artículo propone un análisis de la relación entre la industria cultural y el avance de las tecnologías de la información y la comunicación (TIC), notablemente a la luz de las ideas de Walter Benjamin, Theodor Adorno e Günther Anders, a través de una investigación bibliográfica. Entre los fenómenos y tendencias contemporáneas investigadas se ha destacado la pérdida de referencia y memoria histórica, ante la afirmación del presentismo; el enfrentamiento con la noción de verdad objetiva; los procesos de extracción de datos y captura ocular; y el surgimiento de nuevos paradigmas de imagen que promueven la estetización de la política.

**Palabras clave:** Industria Cultural. Desinformación. Noticias Falsas. Redes Sociales. Fetichismo.

### Introdução

A trajetória intelectual de Theodor W. Adorno (1903-1969), um dos fundadores do Instituto de Pesquisa Social, conhecido como “Escola de Frankfurt”, foi marcada pela tentativa de construir uma experiência crítica à altura de acontecimentos decisivos: a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, os campos de concentração, os *gulags* stalinistas, o ataque atômico a Hiroshima e Nagasaki, entre outros. Ao final de sua vida, em um conhecido ensaio intitulado “Sobre sujeito e objeto”, Adorno (1995, p. 184) expôs uma sucinta reflexão sobre as condições de emergência de um “estado de conciliação”, uma sociabilidade que surgiria da superação dos antagonismos e das formas de dominação social, imanentes à sociabilidade contemporânea. Em meio a tais proposições, chama atenção a centralidade que o pensador alemão atribui à dimensão da *comunicação*, ou melhor, a “comunicação do diferenciado”, aquela que haveria de se estabelecer “tanto entre os homens como entre eles e o outro que não eles” (Adorno, 1995, p.184), alheia a relações de opressão e a toda sorte de supremacismos.

Ocorre que aquilo que atualmente se designa *tecnologias da informação e da comunicação* (TICs) tem ocupado posição chave na atualização e potencialização da indústria cultural, sendo parte fundamental do que se chamou, noutro lugar, de “sistemas de desinformação” (Mello, 2024). Como então se argumentou, em seu bojo, a produção e circulação de informações comumente compete para a constituição de uma concepção imunitária de identidade, para a constrição dos horizontes existenciais e para o conformismo ante os poderes e as relações sociais dominantes. Amplia-se assim o abismo entre o atual estado de coisas e o estado de conciliação especulado por Adorno.

Diante esse desenlace, pretende-se, neste artigo, avançar na análise dos nexos existentes entre indústria da comunicação e indústria cultural, e de seus dispositivos de massificação social, bem como refletir sobre algumas tendências sociais contemporâneas que elas competem para efetivar, a saber, a perda de referência e de memória histórica, diante da afirmação do *presentismo*; o confronto à noção de verdade objetiva; os processos de extrativismo de dados e de *captura do olhar*; e a emergência de novos paradigmas da imagem que fazem avançar a *estetização da política*.

Nesse percurso, assume particular importância neste artigo a análise da informação como forma social – antípoda da comunicação tal qual afirmada por Adorno –, atravessada pela forma mercadoria, e de seu papel na tendência à atomização e à redução da vida social a processos de circulação e processamento de dados, que visam reduzir sua complexidade e *algoritmizar* o pensamento e os comportamentos: é esse o fulcro da tese da obsolescência da comunicação, compreendida como tendência e como ameaça. Nesse sentido, não será apresentada uma discussão circunstanciada sobre a polissemia do termo comunicação, a diversidade de suas modalidades e práticas, suas distintas dimensões, e tampouco sobre as concepções que conformam o campo das teorias da comunicação. Antes, busca-se refletir sobre a dimensão sistêmica da indústria cultural e a necessidade imperativa de se apreender sua *forma social*, que evidentemente evolui no tempo, o que impõe um permanente esforço de atualização de sua crítica. Daí a relevância da investigação sobre os nexos entre indústria cultural e as novas tecnologias da comunicação e da informação, com destaque para as plataformas e redes digitais e para a articulação entre *big data*, inteligência artificial e extrativismo de dados, entre outros.

A tradição intelectual evocada neste estudo, a da teoria crítica da sociedade, concebeu a indústria cultural como *sistema de dominação social*, de pretensões totalizantes e totalitárias, que aspira condicionar até mesmo as formas de recepção de seus produtos, os processos de subjetivação e os comportamentos individuais, sob a égide da reificação. Ao que tudo indica, tais pretensões seguem vigentes, e se faz necessário considerar suas manifestações contemporâneas, por meio de um “trabalho do negativo” (Hegel, 2008, p. 13), visto que o falso ainda é um índice do verdadeiro, como ensinara Spinoza (2008, proposição 32) em sua *Ética*. Não obstante, desse esforço não se conclui que do atual horizonte social e do quadro tecnológico vigente não possam emergir relações e usos não conformistas, plurais, criativos, inauditos e mesmo imprevisíveis (tal virtualidade é sugerida na terceira e na última

sessão do artigo). Ao contrário, ao incluir “no entendimento positivo do existente [...] ao mesmo tempo o entendimento da sua negação” (Marx, 1996, p. 27), essa dialética negativa não perfaz uma abordagem “hermética” e “apocalíptica”, mas antes conduz à apreensão do não-idêntico (Adorno, 2009), daquilo que escapa e confronta às pretensões totalitárias do conceito, ou seja, do capital enquanto sujeito automático. Noutras palavras, trata-se de apreender rigorosamente os dilemas e os desafios postos às práticas e as relações sociais de cunho emancipador, bem como as fissuras e brechas existentes na referida estrutura de dominação social.

Considerar essa dimensão sistêmica parece crucial para o campo da pesquisa em comunicação, como forma social multifacética e multidimensional, e para os estudos que se dedicam a perscrutar o caráter ativo dos sujeitos na construção e na recepção da comunicação; ao passo que ignorá-la parece acarretar severos prejuízos, incluindo o risco de se recair nas malhas da ideologia.

O texto está organizado em três seções, além da introdução e das considerações finais. Na primeira, intitulada “Indústria da comunicação e massificação social”, evidencia-se o papel dos sistemas de comunicação como eixo central nos processos de subjetivação e produção de ideologia, tendo como referência fundamental alguns ensaios de Walter Benjamin. Além disso, são aportados elementos para a compreensão da forma social da informação, dimensão decisiva para a sua análise crítica. Na seção seguinte, intitulada “Redes sociais e a renovação da indústria cultural”, mobilizando principalmente proposições de Adorno e Günther Anders, pretendeu-se analisar alguns efeitos da generalização da informação como nexos sociais, que reforçam a atomização dos indivíduos, a efemeridade das relações intersubjetivas e a automatização dos comportamentos. Além disso, analisa-se a fragilização das distinções entre o verdadeiro e o falso; a redução dos modos de apreensão da realidade a meras disputas de narrativas; e a perda da memória e da capacidade de situar o presente no interior do fluxo histórico. Na terceira e última seção, “A captura do olhar e a estetização virtual da vida”, a partir da obra de autores contemporâneos, como Giselle Beiguelman e Jonathan Crary, levanta-se questões fundamentais sobre o atual avanço da máquina da indústria cultural que, catapultada pelas TICs e por outras tecnologias, compete para fortalecer os mecanismos de vigilância, controle e condicionamento comportamental, tanto no espaço de trabalho, quanto em outras dimensões da vida social.

## Indústria da comunicação e massificação social

Como se sabe, os sistemas de comunicação desempenham papel central nos processos de subjetivação e produção de ideologia, ou seja, de “um corpus de representações e de normas que fixam e prescrevem de antemão o que se deve e como se deve pensar, agir e sentir” (Chauí, 1980, p. 24), e que, entre outros, faz com que a população trabalhadora reconheça as exigências da reprodução ampliada do capital “como leis naturais evidentes” (Marx, 1996, p. 358). Para os propósitos deste texto, convém considerar apenas uma das dimensões desse processo, a partir de proposições de Walter Benjamin, feitas ainda nas primeiras décadas do século XX.

Em “O Narrador” e “Experiência e Pobreza”, Benjamin refletiu sobre o colapso da *experiência* por meio da obsolescência da arte de narrar, que era própria a um contexto em que a reprodução social dependia da sabedoria sedimentada pelo entrecruzamento de vivências e práticas que atravessavam gerações. Catapultada, entre outros fatores, pelo já referido advento do telégrafo, a informação entronizou-se como forma fundamental de interação social. Sob a alçada de grandes meios de comunicação, a informação caracterizar-se-ia por seu caráter hermético, imediato e unilateral, tendendo a cultivar a irreflexão e a fechar qualquer brecha que pudesse franquear uma recepção ativa por parte dos leitores ou espectadores, no sentido de propiciar uma participação crítica da produção de sentido. Nesse contexto, constata Benjamin (1996, p. 203), a “cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações” (Benjamin, 1996, p. 203), e demandam uma verificação instantânea<sup>1</sup>.

O fenômeno, especificamente moderno, teria raízes ainda mais profundas, como recorda Susan Sontag (2003, p. 89) ao evocar o poeta William Wordsworth, que em 1800:

denunciou a corrupção da sensibilidade produzida pelos “graves fatos nacionais que ocorrem diariamente e pelo crescente acúmulo de homens nas cidades, onde a uniformidade de suas ocupações produz um anseio de acontecimentos extraordinários, que a veloz comunicação de informações satisfaz continuamente”. Esse processo de superestimulação age “com a finalidade de embotar a capacidade de discernimento da mente” e “reduzi-la a um estágio quase de torpor selvagem”.

<sup>1</sup> “Antes de mais nada, ela [a informação] precisa ser compreensível ‘em si e para si’. Muitas vezes não é mais exata que os relatos antigos. Porém, enquanto esses relatos recorriam frequentemente ao miraculoso, é indispensável que a informação seja plausível. Nisso ela é incompatível com o espírito da narrativa. Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio” (Benjamin, 1996, p. 203).

*Embotamento* foi a palavra empregada por Adam Smith (1996, p. 244), ao denunciar os efeitos deletérios da divisão técnica do trabalho sobre a população trabalhadora, esmagada pela unilateralidade e pelo caráter repetitivo de suas atividades laborais. Tal crítica fora expandida e aprofundada pelo jovem Marx (2004), ao perceber que o *trabalho alienado*, convertido em mero meio de produção de riqueza abstrata, apartava os produtores diretos dos resultados do seu trabalho, apropriados pelos proprietários dos meios de produção, ao mesmo tempo em que perdiam o controle e mesmo o acesso à totalidade do processo produtivo, em que viam seu próprio trabalho se erguer como um poder estranho e antagônicos a eles, e em que, finalmente, premidos pela concorrência e pela coerção econômica, alienavam-se e rivalizavam entre si.

Por conseguinte, o referido “anseio por acontecimentos extraordinários” pode ser compreendido como uma reação compensatória à heteronomia e à alienação. Não obstante, Wordsworth percebe que a incipiente indústria cultural, expressa àquela altura em jornais de grande circulação, reforçava o processo de degradação física e mental do público consumidor, em consonância com as demandas da dinâmica produtiva moderna. Como dizia Hippolyte de Vilemessant (apud Benjamin, 1996, p. 202), o refundador do jornal *Le Figaro*, “para meus leitores, o incêndio num sótão do Quartier Latin é mais importante que uma revolução em Madri”.

Compete-se para engendrar, assim, indiferença, insensibilidade e pasteurização, posto que, da mesma maneira como os trabalhos concretos são reduzidos a trabalho abstrato e igualados entre si, sob a égide do valor, e que os conteúdos concretos das mercadorias são abstraídos no processo de troca, tornando-as fungíveis, a plethora de informações faz com que os acontecimentos tendam a ser igualados entre si e a se tornar efêmeros, uma vez que são destituídos de referências espaço-temporais e dos seus contextos sociais de origem. A rigor, trata-se de um processo de produção em massa de ignorância e de barbárie por meio da indústria da informação, já nos primórdios da indústria cultural.

É inegável que a *forma* social da informação é o elemento decisivo para a análise crítica, mas seria um equívoco dissociá-la de seus conteúdos. Evocando a crítica de Benjamin à concepção burguesa do progresso, Anderson (2008, p. 65) argumenta que, ao misturar notícias de todas as partes do país, o jornal liga eventos e lugares a pessoas, vinculando-os imaginariamente por meio de uma referência cronológica comum - “a data no alto do jornal, o

seu emblema mais importante, fornece a principal conexão – o avanço constante do tempo vazio e homogêneo”. A atomização social é falsamente compensada por uma espécie de gregarismo, o desejo de se tomar parte numa massa que assume o invólucro estético de uma *comunidade ilusória*, imerso num tempo igualmente abstrato, o tempo do relógio, aquele que comanda a produção mercantil.

A generalização da informação como nexos social e a massificação social são, por conseguinte, indissociáveis. Com o desenvolvimento da indústria cultural, alavancado por inovações tecnológicas e produtos técnicos, dos quais se destacam o rádio, a televisão e, mais recentemente, smartphones e outros dispositivos que resultam da articulação entre informática e internet, muitas dessas tendências foram aprofundadas. Convém considerar algumas de suas expressões contemporâneas, lançando um olhar sobre a lógica e a arquitetura das redes sociais, mas para isso será preciso buscar esteio em algumas análises de Theodor Adorno e Günther Anders.

### **Redes sociais e a renovação da indústria cultural**

A articulação entre internet e informática, por meio dos computadores portáteis que se insiste em designar telefones celulares, talvez perfaça, nas palavras de João Bernardo (2014, p. 2), “a tecnologia mais versátil criada pela humanidade”, desde a domesticação do fogo e da invenção da roda. Trata-se, ainda de acordo com o autor, do primeiro arcabouço tecnológico que preside simultaneamente o universo do trabalho e do não trabalho, prescrevendo comportamentos, vigiando e esquadriando as atividades produtivas e de consumo, num entrecruzamento entre exploração, controle, vigilância, mas também, e não menos importante, entretenimento. Um espaço virtual que configura uma nova estética, cujo alcance talvez seja ainda impossível de antever.

Sobretudo por meio do espriamento das redes sociais, que mobilizam diariamente, diante horas a fio, a atenção e a pseudo-atividade dos *usuários* – termo que denuncia a tendência à adição e ao entorpecimento –, o alcance, a capilaridade e a intensidade do domínio da indústria cultural foram catapultados a níveis inauditos. Nesse contexto, a importância atribuída à informação ou ao produto cultural que circula por tais redes tende a ser diretamente proporcional ao seu nível de consumo ou à quantidade de “interações” que ela estimula, segundo os moldes definidos pelas plataformas em questão – acessos, visualizações,

“likes”, “dislikes”, compartilhamentos, comentários, “emojis”, ofensas, “cancelamentos” etc. Ao mesmo tempo, os algoritmos dessas plataformas estão programados para dar destaque aos produtos que geram mais interações, produzindo assim um círculo vicioso: a ideia de que o que circula mais é melhor ou mais fidedigno, e é melhor ou mais fidedigno porque circula mais.

Como será oportunamente retomado, engendra-se assim um estímulo à estereotipia, mas também ao sensacionalismo, ao bizarro, ao violento e ao ofensivo, bem como à manipulação das perversões e das paranoias das massas (Cesarino, 2022). Assim, nas redes sociais vê-se destilar, diuturnamente, o ódio que se volatiliza na fogueira do ressentimento, em meio à formação de grupos virtuais herméticos e retroalimentados, nos quais comumente se constrói uma identidade a partir da violenta negação de qualquer alteridade, sob uma lógica maniqueísta.

À guisa de exemplo, o caso de Olavo de Carvalho vem bem a calhar, tanto pela sua compreensão precoce dessas características das redes sociais, quanto pela sua capacidade de mobilizá-las no sentido de produção de uma massa a ser mobilizada politicamente, tendo sido fundamental para a constituição do bolsonarismo e a eventual eleição presidencial de Jair Bolsonaro (Rocha, 2021). Antes de se tornar uma máquina difusora de impropérios e teorias da conspiração, já em meados da década de 1990, no livro *O Jardim das Aflições*, Carvalho (1998, p. 62) situara as redes sociais em uma linha evolutiva das técnicas de lavagem cerebral e de condicionamento desde Pavlov, e sua conclusão não poderia ser mais drástica:

não é preciso enfatizar as facilidades que, hoje em dia, a rede das telecomunicações e a informatização da sociedade oferecem para a aplicação dessa receita [de sugestão e manipulação de massas] em escala nacional, continental ou planetária. Se ninguém ainda tentou, foi somente porque não quis, ou porque tropeçou em algum obstáculo acidental. Impedimento teórico, essencial, não há.

Por outro lado, junto àquela valorização do que tende a “viralizar”, aprofunda-se a sua efemeridade, uma obsolescência quase instantânea. Afinal, estima-se que a cada dia se despeja na internet cerca de 120 zettabytes ( $120 \times 10^{21}$  bytes), volume mais de 60 vezes maior do que o produzido em 2010, sendo mais da metade desse total na forma de vídeos. Para dar mais concretude a esse dado, estima-se que em 2020 foram enviados diariamente ao Youtube mais de 720 mil horas de vídeos, ao passo que, por meio dessa plataforma, assistiu-se nesse período a cerca de 1 bilhão de horas por dia (Global Midia Insight, 2024). Estimou-se ainda que em 2023 mais de 5 bilhões de fotografias foram diariamente compartilhadas em redes

sociais, e que mensalmente cerca de 1,8 milhão de canções foram acrescentadas ao Spotify (Exploding Topics, 2024). Tais cifras sobre-humanas indicam efetivamente um processo de autonomização e de automação do processo social de produção e circulação da informação em relação aos indivíduos<sup>2</sup>.

É evidente que, subjacente a esse processo, encontra-se uma série de mecanismos de apropriação de riqueza social, que envolvem diretamente a produção de informação e a extração de dados, tais como o uso das plataformas para a realização de publicidade direcionada, cada vez mais importante para a realização das mercadorias, o que pressupõe a construção automatizada e maciça de perfis de potenciais consumidores por meio de tecnologias de big data e inteligência artificial. Com isso, o capital logra avançar de modo decisivo no condicionamento dos comportamentos e no controle sobre as decisões de consumo (Zuboff, 2021). Ainda que essa dimensão propriamente econômica seja decisiva, o que importa destacar aqui é que a lógica das redes sociais tende a minar ainda mais a noção de verdade objetiva, a afrontar a produção de memória, e a imergir os indivíduos num férreo presentismo, que fragiliza a percepção da historicidade da vida social e entroniza a futilidade.

### **O combate à verdade objetiva e a ditadura do gosto e da opinião**

Ainda na primeira metade do século XX, George Orwell, uma espécie de *Cassandra moderna*, refletiu profundamente sobre o desiderato totalitário de se controlar o passado, tornando-o mítico e manejável de acordo com as injunções e os caprichos dos grupos sociais dominantes. Para realizá-lo, haveria de se combater a noção de verdade objetiva, e efetivamente, no bojo da Segunda Guerra Mundial, Orwell (2021) expressaria “a sensação de que o próprio conceito de verdade objetiva está desaparecendo do mundo”<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Nesse sentido, tanto ou mais inquietantes são os dados trazidos por uma reportagem da *Folha de São Paulo* (2024), a partir de um estudo feito pelo Instituto de Estudos do Futuro de Copenhague. Estima-se aí que em 2029 cerca de 99% do conteúdo postado nas redes sociais será produzido por inteligência artificial, e que atualmente o tráfego online de robôs corresponde à metade do tráfego total. A despeito de meios tecnológicos que ampliam, potencialmente, as possibilidades de produção de conteúdos por parte dos indivíduos, sob a égide das TICs o processo de produção e circulação de informações tende a se tornar, assim, cada vez mais opaco e dominado pelas grandes corporações empresariais, conforme se argumentará.

<sup>3</sup> Por exemplo, em artigo em que revisita a Guerra Civil Espanhola, Orwell (2021) relata que “na Espanha, pela primeira vez, vi reportagens de jornais que não tinham nenhuma relação com os fatos, nem mesmo a relação que está implícita em uma mentira comum. [...] Vi, de fato, a história ser narrada não em termos do que aconteceu, mas do que deveria ter acontecido de acordo com várias ‘linhas partidárias’”. Décadas mais tarde, “durante a luta entre sérvios e croatas no início das recentes guerras nos Bálcãs”, recorda Sontag (2003, p. 14), “as mesmas fotos de crianças mortas no bombardeio de um povoado foram distribuídas pelos serviços de propaganda dos sérvios e também dos croatas. Bastava mudar as legendas para poder utilizar e reutilizar a morte das crianças”.

Antecipando a noção de “duplimentamento”, central em sua mais conhecida obra literária – 1984 –, já em “Literatura e totalitarismo”, palestra radiofônica de maio de 1941, insiste Orwell (2021), dando uma pequena mostra de seu espantoso poder preditivo,

a peculiaridade do estado totalitário é que, embora ele controle o pensamento, ele não o corrige. [...] Ele precisa dos dogmas, porque precisa da obediência absoluta de seus súditos, mas não pode evitar as mudanças, que são ditadas pelas necessidades da política de poder. Declara-se infalível e, ao mesmo tempo, ataca o próprio conceito de verdade objetiva. Para tomar um exemplo rude e óbvio, todo alemão até setembro de 1939 tinha que encarar o bolchevismo russo com horror e aversão, e desde setembro de 1939 ele tem que encará-lo com admiração e carinho. Se a Rússia e a Alemanha entrarem em guerra, como podem muito bem fazer dentro dos próximos anos, outra mudança igualmente violenta terá que ocorrer.

Nesse sentido, na segunda metade da década de 1940, Theodor Adorno (1993, p. 94) constatou que “a mentira soa como verdade e a verdade como mentira. Cada declaração, cada notícia, cada pensamento está pré-formado pelos centros da indústria cultural. O que não traz a marca familiar dessa pré-formação está, de antemão, destituído de credibilidade”. Subjaz a esse fenômeno a “conversão de todas as questões da verdade em questões de poder”, que passou a decidir sobre a “disjunção entre o verdadeiro e o falso” (Adorno, 1993, p.95). É por essa senda que tem enveredado a produção e o uso de tecnologias como a da *deep fake*, que permite não só a criação de personagens virtuais realistas, mas também a reprodução de vozes, imagens e gestos de pessoas reais por meio de inteligência artificial.

Em meados do século XX, Günther Anders também se dera conta da fragilização da verdade objetiva, e tirou importantes conclusões desse fato. Ao constatar que as “falsas afirmações sobre o mundo se tornaram ‘mundo’” (Anders, 2011a, p. 194), ou seja, recobriram plenamente o existente, ele concluiu que as ideologias, no sentido de “falsas visões do mundo a posteriori” fixadas, ter-se-iam tornado supérfluas, já que “a própria sucessão do mundo já se dá como um espetáculo arranjado. Onde a mentira, por força da mentira, se torna verdade, a mentira expressa é supérflua” (Anders, 2011a, p. 194)<sup>4</sup>. Com isso, habitaríamos um mundo “pós-ideológico”, mas não no sentido da vulgata pós-moderna, que faz o elogio do irracionalismo. Ao contrário, Anders parece indicar uma espécie de dobramento recíproco entre ideologia e realidade, ao propor que:

faz parte da atual situação de conformismo que o homem se “ajuste” ao mundo, da mesma forma que o mundo se “ajuste” ao homem; ou seja, a

<sup>4</sup> Seria interessante contrastar tais análises de Adorno e Anders com a conceituação de Guy Debord sobre o espetáculo, o “mundo realmente invertido”, em que “o verdadeiro é um momento do falso” (Debord, 2017, p. 16). Mas isso foge ao escopo deste artigo.

distinção entre uma situação do consumidor como uma tábula rasa, existente em um momento, e um processo no qual a imagem do mundo seria impressa nessa tabula, é supérflua. O consumidor já está sempre pré-desfigurado, disposto a ser moldado e maduro para receber uma matriz; mais ou menos sempre concorda com a forma, que lhe será impressa (Anders, 2011b, p. 195).

A força da ideologia está, nessa acepção, não em seu conteúdo racional e sua capacidade de “convencimento”, mas na sua força de impor-se como afirmação do dado, por meio de sua repetição incessante. A ideologia não mais proporia estarmos no melhor dos mundos, mas apenas no mundo possível, em que não há saída fora da adaptação irrestrita a seus preceitos. Seu momento de verdade é o de sua autoimposição como princípio de realidade; porém sua falsidade está em negar o universo dos possíveis que constituem a realidade em potência, e cuja efetivação pressupõe o confronto à atrofia da imaginação e ao conformismo que a própria ideologia se ocupa de cultivar.

No lugar da referência à verdade, ergue-se a do gosto e da opinião, sob bases insustentáveis, já que tais noções pressupõe a existência de alguma liberdade subjetiva e de uma individualidade que tendem a ser igualmente sacrificadas nesse ritual de subsunção da verdade ao poder, em meio ao processo de massificação e de “expropriação do inconsciente pelo controle social” (Adorno; Horkheimer, 2014, p. 187). Obviamente, “é falsa a suposição de que continuaríamos intactos e sendo nós mesmos, apesar de termos sido roubados, fraudados, espoliados ou simplesmente saqueados” (Anders, 2011b, p. 217), no caso, em nossa própria estrutura psíquica.

Nesse contexto, o gosto se reduzirá ao mero ato de reconhecimento e de conformismo (Adorno, 1996, p. 66). Em suma, o que é entronizado aqui não é mais do que uma sombra; o gosto propriamente dito desapareceu (Adorno, 1996, p. 65). Algo similar vale para a noção de opinião, que há muito se tornara um artifício amplamente mobilizado para legitimar posturas violentas e autoritárias<sup>5</sup>. De fato, “não há contradição ou inconsistência que não possa ser justificada por meio de um falso apelo à tolerância” (Anders, 2016, p. 90), e quem denuncia tais contradições é tachado de “oposicionista” e “intolerante”.

Atualmente, a construção de uma sofisticada maquinaria de gestão social que se utiliza amplamente das TICs parte de alguns pressupostos reificantes: que o pensamento se reduz a

---

<sup>5</sup> Em sua crítica ao antissemitismo, Jean-Paul Sartre (1948, p. 7) já apontava que a redução da verdade a uma questão de opinião – ou, em termos atuais, de “narrativa” –, “sugere que todos os pareceres são equivalentes”, de modo que “tranquiliza e dá aos pensamentos uma fisionomia inofensiva, assimilando-os aos gostos”. Assim, evocando a liberdade de expressão e de opinião, o racista, o homofóbico, o misógino, o antissemita justifica sua pregação supremacista e misantrópica (Sartre, 1948, p. 7).

uma relação binária entre estímulos e respostas a partir de um banco de informações; que os comportamentos futuros tendem a repetir os comportamentos passados, dentro de um quadro construído sobre parâmetros bastante precários e reducionistas – atravessados por vieses patriarcais e racistas que são reproduzidos pelos algoritmos –; que as interações sociais se reduzem ao “*match*”, à suposta convergência de gostos que está na base dos aplicativos de “relacionamentos”, em que os usuários se rebaixam à condição de produtos em um cardápio percorrido por comensais famintos; e, por fim, que a existência se limita a uma soma de escolhas com base em conjunto de preferências, como se o mundo se reduzisse a gôndolas de supermercado e a subjetividade ao que as mãos agarram – ou ao que se gostaria de agarrar.

Por conseguinte, a internet, as redes sociais, os smartphones e uma pletera de aplicativos de fácil manuseio, a despeito de seus potenciais inauditos de acesso ao patrimônio cultural da humanidade e de socialização dos meios de produção de cultura, realizaram uma massificação social sem precedentes. Donde, conclui João Bernardo (2022), “tal como nunca foi tão grande o abismo entre um regime de fiscalização e vigilância permanentes e a possibilidade técnica de exercer uma democracia direta, também nunca foi tão grande o abismo entre a ignorância e a facilidade de conhecer”, de modo que “o carácter banal e efêmero que a internet infunde nos seus materiais sustenta uma visão superficial e desprovida de espessura temporal. É a futilidade de um eterno presente, que se presume sem raízes”.

À guisa de ilustração, em um jornal de grande circulação, lê-se a notícia: “Selfies de Jesus, Napoleão e Cleópatra: Cineasta usa inteligência artificial para criar retratos históricos” (Folha de São Paulo, 2023). No corpo do texto, o leitor é informado que o orgulhoso “cineasta” usou a plataforma Midjourney, baseada em inteligência artificial, para trazer ao mundo suas obras. Em uma das imagens destacadas ao longo da reportagem, vê-se um Jesus – diga-se de passagem, muito parecido com o ator Willem Dafoe, em *A última tentação de Cristo*, de Scorsese –, fazendo uma selfie junto com seus apóstolos, brancos, loiros, ruivos e castanhos, quase todos barbudos, ostentando dentes brancos e perfeitos, e cútis impecáveis. Mas o que surpreende não é a estereotipia fenotípica, bastante corriqueira, que projeta sobre diferentes contextos históricos e geográficos padrões modernos existentes em determinados países capitalistas centrais. O espantoso é a afetação como um todo: a inexpressão dos sorrisos, a pobreza das expressões corporais, a artificialidade dos gestos, o vazio dos olhares. É a tentação de se lançar um olhar sobre o passado a partir das lentes estereotipadas que, no presente, engendram um sinistro espetáculo em que a mesma foto é compulsivamente tirada

por milhões de pessoas, nas mais diversas circunstâncias, nos quatro cantos do mundo, que são assim engolfadas no torvelinho da mesmice. É a miséria do presente sendo transportada para diferentes formações sociais, de modo a torná-lo absoluto, o que exige esterilizar a história como fonte de aprendizados sobre incontáveis possibilidades de existência ou como alimento para o inconformismo.

É isso que sempre fez Hollywood, certamente, buscando eternizar e naturalizar as relações sociais, por meio de uma incessante pregação ideológica sub-reptícia. Seja como Aquiles, em meio à guerra contra Troia, seja no papel de um astronauta ou mesmo combatendo zumbis num mundo pós-apocalíptico, Brad Pitt desempenha o mesmo papel, utiliza a mesma linguagem, possui a mesma expressão corporal. Com isso, inadvertidamente se busca convencer os expectadores que as sociedades modernas são a culminância de uma longa evolução, fundada no progresso. Porém, dispensando os investimentos bilionários do *mainstream* da indústria cinematográfica, as atuais tecnologias de informação permitem catapultar e “democratizar” a estetização da história numa escala inaudita.

### **A jaula de ferro do presentismo**

Além do confronto à noção de verdade objetiva, a indústria cultural se esmera em promover o esquecimento e a desorientação histórica. Günther Anders (2011b, p. 297) refletira também sobre essa tendência, concluindo que:

a plena verdade é que nossa história se tornou uma história ininterrupta de esquecimento de cada momento presente, isto é, uma história que nunca toma consciência de si mesma e não pode se esquecer de si mesma, e, portanto, não é propriamente ‘história’, mas uma mera sucessão inadvertida<sup>6</sup>.

Essa fragilização da história compete para eliminar os entraves à compulsão moderna pelo novo, ao mesmo tempo em que acorrenta a produção da novidade, convertida em um negócio, à reprodução social. Mas como aferir o que é novo, sem a referência histórica? Paradoxalmente. Encastela-se a novidade ao mesmo tempo em que se declara que nada há de novo sob o sol, que “*there is no alternative*”, a partir do colapso simultâneo do *espaço de experiência* e do *horizonte de expectativa*, cuja relação animava a moderna temporalização da

---

<sup>6</sup> Há décadas o presidente francês Valéry Giscard d'Estaing (apud Debord, 2017, p. 201) rejubilava-se ao reconhecer que “viveremos a partir de agora num mundo sem memória”, e, por conseguinte, sem história, uma cômoda situação para os detentores do poder. Diga-se de passagem, Debord (2017, p.178) constatara que, ao negar significado social a tudo o que não seja imediato, numa verdadeira compulsão imediatista, “verifica-se que os usos dos meios de comunicação garantem uma eternidade de ruidosa insignificância”, esmerando-se em produzir ignorância e esquecimento em massa.

história (Koseleck, 2006, cap. 14). Com isso, a contemporaneidade é aprisionada em um presente perpétuo. Como lamentara Anders (2011b, p. 297), “a humanidade de hoje olha tão pouco para trás quanto para frente; antes, durante seu voo tempestuoso, seus olhos permanecem fechados ou, no melhor dos casos, fixos em cada momento presente”. Isso porque,

aturdidos pela maciça quantidade, rapidez e ruído das transformações históricas, eles perderam não apenas o desejo, mas também a capacidade de recordar. A chamada “onda da nostalgia”, ou seja, a produção massiva de memória artificial só mostra que a memória não funciona mais “por si mesma” (Anders, 2011b, p. 298)<sup>7</sup>.

Para viabilizar aquela maciça produção do esquecimento, porém, foi necessário produzir uma “engenhosa mistificação” de novo tipo, que não mais consistia simplesmente “em excluir de toda a ilustração possível aos que careciam de poder”, argumenta Günther Anders (2001, p. 18), mas “em fazer crer que tem luzes aqueles que não veem que não veem”. A ilusão denunciada por Günther Anders, tendo em vista o rádio, a televisão e os jornais, é fortemente reforçada pelos atuais meios tecnológicos, até porque o terreno em que vicejam foi preparado pela indústria cultural do pós-guerra, que cultivara diuturnamente a *semiformação*, a espetacularização, a insensibilidade, e a perda da vivência comum. Afinal, constatara Anders (2011a, p. 196),

se é inegável que hoje milhares de eventos e pedaços do mundo, dos quais nossos ancestrais foram excluídos, chegam voando para nossos ouvidos e olhos; e que podemos escolher quais fantasmas queremos que nos cheguem voando, somos enganados, pois estamos nas mãos do suprimento, uma vez que ele está aí e que fomos privados da liberdade de nos aproximar ou tomar posição diante dele.

Essa ilusão é magnificada pelas atuais tecnologias da informação e da comunicação e, quando estas oferecem a seus usuários uma vasta gama de dados e de produtos, dando a impressão de plena liberdade de escolha, mas também quando incitam os indivíduos a não somente consumir, mas também a produzir e a compartilhar conteúdos, como se estivessem imersos em relações multilaterais e isonômicas, e assumissem uma relação ativa e autônoma. Por trás dessa fachada, atualizam-se mecanismos de controle sobre os processos de produção e circulação de informações, que são açambarcados pelas ditas *big techs*, e reforçam, por sua

---

<sup>7</sup> Essa prerrogativa da indústria cultural – um de seus componentes fundamentais – caminha lado a lado com a degradação do *eu* (Mello, 2016). Esse indivíduo fragilizado, equilibrando-se entre a euforia consumista e a depressão niilística, tende a absolutizar o presente, arrancando-o do evoluir histórico. Com isso, torna-se incapaz de estabelecer cadeias de significação que garantam um senso unitário de realidade.

vez, a dominação social em termos econômicos, políticos e culturais, dimensões que retroagem uma sobre a outra.

Intensificada pelo fato de os algoritmos participarem da produção de perfis e promoverem hierarquizações e filtragens dos conteúdos que circulam pela internet, viceja a tendência à estereotipia dos comportamentos individuais, que de maneira consciente ou não, adaptam-se aos critérios ou parâmetros dos algoritmos, de modo a ter mais visibilidade, mais “interações”, maior sucesso nas buscas, sobretudo quando se busca “capitalizar” os conteúdos postados. Desse modo, a despeito de sua inerente opacidade, os algoritmos adquirem um poderoso poder disciplinador, baseado num verdadeiro “darwinismo social das redes, em que o mais acessado será sempre o mais acessado. Ou seja, vence sempre o mais forte” (Beiguelman, 2022). Com sua inovadora estética, que prolonga o espaço social pelo ambiente virtual digital, e lhe confere primazia, o universo das novas mídias é engendrado com o fito de construir e controlar o ecossistema em que vegetam os usuários, e com isso determinar não tanto os conteúdos, mas antes os padrões de consumo desses conteúdos. Sob esse imperativo, emerge “uma nova forma de censura. Uma censura que não proíbe. Antes, define, algorítmicamente, o direito do que e como se pode ver” (Beiguelman, 2022).

### **A captura do olhar e a estetização virtual da vida**

Uma das dimensões fundamentais dessa tendência reside na criação de um espaço virtual que já se afirma como habitat precípuo de um grande número de pessoas. Ou seja, reside na produção de uma nova estética que guarda potenciais imensos e mesmo insondáveis, mas que é determinada tecnicamente por meio de algoritmos e dispositivos de *machine e de deep learning*, programados para condicionar comportamentos e discursos, submetidos a uma disputa pelo controle monopolístico da atenção e dos padrões de consumo (que se refletem eventualmente em “monetização”). Concorrência essa que envolve não apenas os grandes conglomerados produtores de tecnologia, mas uma densa rede de “empreendedores digitais”, “influencers”, “especialistas” que se valem de todo tipo de estratégia para produzir mais “interações”.

Nesse universo das plataformas digitais e das redes sociais, constata Giselle Beiguelman (2022), produziu-se uma “economia liberal dos likes, e suas fórmulas de sucesso”, que “tende a homogeneizar tudo o que produzimos e vemos. Padroniza ângulos,

enquadramentos, cenas, estilos”, a partir de “critérios de organização dos dados para que sejam mais rapidamente ‘encontráveis’ nas buscas (os recursos de Search Engine Optimization - SEO)”, e que reforçam a tendência a circunscrever os indivíduos em nichos ou bolhas que eles têm a ilusão de controlar (Beiguelman, 2022). Por outro lado, nas palavras de Letícia Cesarino (2022), as *big techs* mobilizam saberes interdisciplinares para mobilizar permanentemente a atenção – por meio de dispositivos e de recompensas conscientes e inconscientes. Assim, argumenta a autora, “economia comportamental, captologia, marketing de influência, modelos de comportamento animal individual e coletivo produzem efeitos cognitivos análogos aos observados em cassinos, estados hipnóticos ou rituais” (Cesarino, 2022).

Esse tipo de fenômeno expressa uma ampliação do domínio da indústria cultural, que se convertera “no objeto praticamente exclusivo de visão e audição. O metaverso leva este cenário ainda mais longe e arriscamo-nos a que a realidade virtual seja mais real do que a outra” (Bernardo, 2022), mobilizando os indivíduos horas e horas a fio, inclusive em seu tempo de não trabalho, e buscando transformá-los, assim, “numa acepção plena e não metafórica, em produtos industriais de massas” (Bernardo, 2022).

É por essa senda que caminham algumas das reflexões de Jonathan Crary (2022), ao tratar do desenvolvimento de tecnologias “de reconhecimento de rosto, voz e emoção”. O autor constata que, sob sua égide, “nossa própria capacidade de reconhecimento do humano começa a falhar” (Crary, 2022), de tal modo que elas tendem a subsumir esses que outrora perfaziam complexos meios de expressão e de comunicação desenvolvidos ao longo de tantos milênios, o semblante, o olhar, a voz. Assim, enfatiza ele, mais do que seus potenciais de vigilância, está em jogo um processo destrutivo que compromete capacidades sociais elementares. Um dos exemplos que Crary (2022) apresenta é o da divisão do “e-comércio cognitivo” da IBM, que tem por objetivo, nos termos da própria empresa, construir:

um envolvimento humano mais profundo [...]. Ao conhecer o que nossos clientes querem antes que eles o façam, ao entender as nuances de tom, sentimento e condições ambientais, podemos engajar os clientes em um nível humano e oferecer a experiência certa no momento perfeito para inspirar a defesa [advocacy] ao longo da vida.

Antes de mais nada, tais tecnologias se ocupam em direcionar o olhar e simplificar o ato da visão, eliminando todo tipo de elemento que o complexifique, que possa retardá-lo e diminuir a eficácia dos dispositivos de rastreamento e de suas “interfaces”. Uma vez que

atuam em um nível inconsciente, os efeitos de tais mecanismos aparecem como uma ação espontânea do indivíduo, e mesmo como afirmação de liberdade, a despeito do fato de provocarem uma desastrosa “desvalorização e a rotinização da visão” (Crary, 2022).

Entre tantos outros, é esse poder de percepção, apropriação, e comunicação que as *big techs* se ocupam de expropriar, subsumir e capitalizar. A “sociedade escópica”, na expressão de Patrícia Lemos (2018), que tanto valoriza a *pulsão do ver*, que em termos freudianos engloba o autoerotismo, o voyeurismo e o exibicionismo (Lemos, 2018, p. 174), é uma sociedade que brutaliza e mortifica o olhar.

Tomando um maior distanciamento histórico, Beiguelman (2022) insiste que, na modernidade, junto com a consolidação de instituições e dispositivos disciplinares, no sentido foucaultiano, fortemente centrados na produção social e no controle dos corpos, dá-se uma fragmentação dos sentidos e uma autonomização do olhar. O direcionamento e o adestramento da atenção para o trabalho, em particular, ensejaram uma desvinculação entre tato e visibilidade. Isso teria um impacto decisivo sobre a história das imagens técnicas, em particular as imagens digitais, tomadas como “superfícies bidimensionais, que nos resta contemplar ou, no máximo, clicar” (Beiguelman, 2022). No caso destas últimas, “da fotografia à inteligência artificial (IA), as tecnologias são constitutivas de suas estéticas, não apenas se conjugando às ações humanas, como se sobrepondo a elas na produção e nos processos de visualização” (Beiguelman, 2022); e sempre tendo como um de seus propósitos dominar ou docilizar o olhar. Por esse motivo, sustenta a autora, “mais que lugar e meio de transmissão de ideias e linguagens, a imagem é o próprio campo das tensões políticas. / É na imagem, e não a partir dela, que os embates se projetam socialmente” (Beiguelman, 2022).

Esses imensos potenciais tecnológicos abrigam os riscos de constituição de “um mundo assombrado por imagens que, transitando ininterruptamente por telas de todos os portes e formatos, sufocam a capacidade de reconhecer suas proximidades e distâncias com o real, até se tornarem invisíveis e anestésicas”, convertendo-nos em “fantasmas de nós mesmos” (Beiguelman, 2022). Afinal, “tudo pode ser registrado e postado, antes mesmo até de ter sido vivido” (Beiguelman, 2022), e a combatida experiência, outrora cantada em verso e prosa, em meio a esse fluxo desmedido de imagens e dados, jaz morta e enterrada. Uma sinistra – e reveladora – manifestação dessa tendência seria a prática de perpetradores de massacres postarem mensagens, vídeos e outros materiais em redes sociais anunciando e justificando previamente seus rituais assassinos (Beiguelman, 2022). Eis que se retoma, assim, atualizado,

o mote benjaminiano da destruição da experiência.

### **Considerações finais**

Ao longo do texto foram consideradas algumas dimensões do processo de reificação social potencializado pela subsunção das novas tecnologias de comunicação e informação às grandes corporações empresariais e pelo uso conformista de seus produtos. Diante desse quadro, não se pode surpreender com tendências como a da abstração real da complexidade das capacidades e interações humanas, reduzidas a um amontado de dados a serem extraídos e sistematizados a serviço do controle social e da apropriação de riqueza social; a da universalização da estereotipia; a da obsolescência da memória; bem como a da perda de referencial histórico e à afirmação do presentismo. Essas tendências foram analisadas ao longo das páginas precedentes como parte de um processo de exacerbação de determinações próprias à indústria cultural e de ampliação de seu domínio. A partir dessa chave, compreende-se ainda o empenho de tal indústria em difundir a aversão ao pensamento crítico, que enfrenta vigorosamente a dimensão histórica da verdade e a falibilidade – não o relativismo – do conhecimento. Um pensamento que concebe a verdade a partir de relações antagônicas, mas que de modo algum a exclui como inexistente ou como mero efeito do poder, tomado em chave a-histórica. Afinal, para o pensamento crítico “a verdade é aguerrida, ela não luta somente contra a inverdade, mas também contra as pessoas que a divulgam” (Brecht, 2021, p. 116).

É dessa perspectiva crítica e inconformista que, à guisa de considerações finais, há de se afirmar, novamente com Beiguelman (2022), a necessidade de se fazer uma leitura a contrapelo dos processos sociais ora em vista, de modo a se atentar para eventuais potenciais que possam neles residir. Nesse sentido, a autora evoca a figura de Alan Turing, comumente tido como precursor ou mesmo pai fundador da inteligência artificial, em particular o artigo “Computing Machinery and Intelligence”, de 1950. Nele, Turing auspiciava a produção de *máquinas de aprendizagem* – ao invés do ideológico *aprendizado das máquinas* –, propondo um modelo aberto a permanentes mudanças nas regras que pautariam tais processos de aprendizagem. Dessa forma, ele parecia se contrapor ao “modelo de aprendizado hierárquico e confinado a erros e acertos, aderente a sociedades altamente repressivas e intolerantes às alteridades, como aquela em que o próprio Turing, judeu e homossexual, vivia” (Beiguelman,

2022). O espírito que o animaria, assim, seria o da abertura para o novo, para a alteridade, e para a ampliação dos horizontes sociais. Ao contrário, e a despeito de suas decisivas descobertas, em particular a máquina de descriptografia que foi decisiva no confronto ao Eixo no contexto da Segunda Guerra Mundial, Turing foi duramente perseguido, estigmatizado, humilhado, e submetido a uma castração química, com graves consequências sobre seu corpo e sua saúde, o que o levou eventualmente ao suicídio (Beiguelman, 2022).

Como recorda James Bridle (2023), pioneiros da cibernética como William Grey Walter, William Ross Ashby, entre outros, pensavam nos aparatos tecnológicos não como meros instrumentos ou mesmo serviçais devotados a resolver problemas, mas como “algo que tinha sua própria agência e suas próprias habilidades, cujas reações eram incertas e cujo comportamento devia ser o reflexo de suas próprias interações com o mundo”. De fato, a despeito de sua complexidade técnica e das amplas querelas que desencadeou, a recente difusão de chatbots, como o CHATGPT, em certo sentido coloca os usuários diante de uma alteridade inaudita. É inegável que ela carrega potenciais de catapultar o processo de colonialismo e de darwinismo digitais (Beiguelman, 2023), e de reforçar o embotamento subjetivo – resultados que parecem inescapáveis diante de um uso conformista.

Não obstante, tais tecnologias também podem ser encaradas como poderosas máquinas de cunho *socrático*, que dependem de um recorrente exercício de formulação de perguntas, com funcionalidades e capacidades que eventualmente podem cooperar e potencializar exercícios críticos e criativos. Nesse sentido, evocando a noção de espécies companheiras, apresentada por Donna Haraway em seu *Manifesto Ciborgue*, Beiguelman (2023) busca se contrapor a uma visão antropocêntrica sobre as novas tecnologias generativas, e se pergunta se elas não podem ser encaradas como *máquinas-companheiras*.

Em suma, ainda que as tecnologias contemporâneas, sob o jugo da indústria cultural, carreguem em sua arquitetura e configuração as marcas de seus grandes desenvolvedores, sequiosos por fortalecer os dispositivos de controle, vigilância, e exploração, não está excluído a possibilidade de seu desenvolvimento e emprego em sentido emancipador, no bojo das lutas sociais, o que pressupõe apreender criticamente sua natureza fetichista.

## Referências

- ADORNO, T. **Dialética Negativa**. São Paulo: Zahar, 2009.
- \_\_\_\_\_. O fetichismo na música e a regressão da audição. In: Adorno, T. **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1996.
- \_\_\_\_\_. Sobre sujeito e objeto. In: **Palavras e Sinais**. Modelos críticos 2. Petrópolis: Vozes, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Minima Moralia**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento** [recurso eletrônico]. São Paulo: Zahar, 2014.
- ANDERS, G. Sobre o olho. **Cadernos de Tradução LELPraT**, v.2, 2021.
- \_\_\_\_\_. On Promethean Shame. IN: Müller, C.J. **Prometheanism: technology, digital culture and human obsolescence**. Lanham : Rowman & Littlefield International, 2016.
- \_\_\_\_\_. **La obsolescencia del hombre** (v. I). Sobre el alma en la época de la segunda revolución industrial. Valência: Pré-Textos, 2011a.
- \_\_\_\_\_. **La obsolescencia del hombre** (v. II). Sobre la destrucción de la vida en la época de la tercera revolución industrial. Valência: Pré-Textos, 2011b.
- \_\_\_\_\_. **Nosotros los hijos de Eichmann**. Buenos Aires: Paidós, 2001.
- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BEIGUELMAN, G. Máquinas companheiras. **Morel**, n. 7, p. 76-86, 2023
- \_\_\_\_\_. **Políticas da imagem: vigilância e resistências na dadosfera**. São Paulo: UBU, 2022.
- BENJAMIN, W. O Narrador. Sobre a obra de Nicolai Leskov. In: Benjamin, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BERNARDO, J. Talvez. Parte 2: Muitos problemas e nenhuma explicação. **Passa Palavra**, 2022. Disponível em: <https://passapalavra.info/2022/10/145744/>. Acesso em: 12 nov. 2023.
- \_\_\_\_\_. A complexa arquitectura da futilidade. In: TAVARES, R.H.; GOMES, S.S (Org.). **Sociedade, educação e redes: desafios à formação crítica**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2014.
- BRECHT, B. Cinco dificuldades de escrever a verdade. **Revista Epitíc**, v. 23, n. 1, 2021.
- BRIDLE, J. **Maneiras de ser**. Animais, plantas, máquinas: a busca por uma inteligência

planetária. São Paulo: Todavia, 2023.

CARVALHO, O. **O Jardim das Aflições – De Epicuro à ressurreição de César**: ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil. São Paulo: Vide Editorial, 1998.

CHAUÍ, M. Ideologia e Educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano II, n. 5, 1980.

CESARINO, L. **O mundo do avesso** – verdade e política na era digital [Recurso Digital]. São Paulo: UBU, 2022.

CRARY, J. **Scorched Earth**. Beyond the Digital Age to a Post-Capitalist World. Londres/Nova Iorque: Verso Books, 2022.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.

EXPLODING TOPICS. Amount of Data Created Daily (2024). Disponível em: <https://explodingtopics.com/blog/data-generated-per-day>. Acesso em: 10 fev. 2024.

FOLHA DE SÃO PAULO. Selfies de Jesus, Napoleão e Cleópatra: Cineasta usa inteligência artificial para criar retratos históricos. **Folha de São Paulo**, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2023/04/selfies-de-jesus-napoleao-e-cleopatra-cineasta-usa-inteligencia-artificial-para-criar-retratos-historicos.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2024.

\_\_\_\_\_. Folha explica como o tráfego de robôs vai superar o de humanos na internet em 2024. **Folha de São Paulo**, 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tv/2024/07/tv-folha-explica-como-o-trafego-de-robos-vai-superar-o-de-humanos-na-internet-em-2024.shtml>. Acesso em 20 ago. 2024.

GLOBAL MEDIA INSIGHT. Youtube statistics 2024. Disponível em: <https://www.globalmediainsight.com/blog/youtube-users-statistics/>.

HEGEL, F. **Fenomenologia do espírito**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

KOSELECK, R. **Futuro passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora Puc-RJ, 2006.

LEMONS, P.P.F. Entre olho e olhar: o gozo escópico no Facebook. **Revista Affectio Societatis**, v. 15, n. 28, 2018.

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I, Tomo II. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_. **Manuscrtos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MELLO, G. M. C. Variações contemporâneas sobre a vergonha e a discrepância prometeicas. **Revista Profanações**, v. 11, p. 97-134, 2024. <https://doi.org/10.24302/prof.v11.5227>.

\_\_\_\_\_. Pós-Modernismo: entre a Crítica e a Ideologia. **TRANS/Form/Ação**, v. 39, p.

233-258, 2016. <https://doi.org/10.1590/S0101-317320160001000011>.

ORWELL, G. **Fascismo e Democracia** [recurso eletrônico]. Editora Montecristo, 2021.

SARTRE, J-P. **Reflexiones sobre la cuestión judia**. Buenos Aires: Ediciones Sur, 1948.

SMITH, A. **Riqueza das Nações: investigação sobre sua natureza e suas causas**. v. I. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

SONTAG, S. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância**. São Paulo: Intrínseca, 2021.

## **Dados de Autoria**

### **Gustavo Moura de Cavalcanti Mello**

E-mail: gusmcmello@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4281-995X>

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil

Minibiografia: Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Sociologia e graduado em Economia pela mesma instituição. Realizou pós-doutorado em Economia pela USP e em Sociologia pela Universidade de Campinas (Unicamp). Atualmente é professor do Departamento de Economia e do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

### **Franciani Bernardes**

E-mail: franbernardess@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4497-7783>

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil

Minibiografia: Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidad San Pablo-CEU (Madri), graduada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Realizou pós-doutorado em Política Social na UFES, com bolsa do Programa Nacional de Pós Doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PNPD/CAPES). É membro do Observatório da Mídia, direitos humanos, políticas, sistemas e transparências (UFES).

## **Dados do artigo**

### **Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese:**

Não se aplica.

### **Fontes de financiamento:**

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

### **Apresentação anterior:**

Não se aplica.

### **Agradecimentos/Contribuições adicionais:**

Não se aplica.

## **Apenas para textos em coautoria**

### **Concepção e desenho da pesquisa:**

Gustavo M. de C. Mello.

**Coleta de dados:**

Gustavo M. de C. Mello, Franciani Bernardes.

**Análise e/ou interpretação dos dados:**

Gustavo M. de C. Mello, Franciani Bernardes.

**Escrita e redação do artigo:**

Gustavo M. de C. Mello, Franciani Bernardes.

**Revisão crítica do conteúdo intelectual:**

Gustavo M. de C. Mello, Franciani Bernardes.

**Formatação e adequação do texto ao template da E-Compós:**

Gustavo M. de C. Mello, Franciani Bernardes.

**Dados sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica**

**A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?**

Não.

**Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?**

Não se aplica.

**Liste os financiadores da pesquisa:**

Não se aplica.

**Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?**

Não se aplica.

**Descreva o vínculo apontado na questão anterior:**

Não se aplica.

**Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?**

Não.

**Descreva o vínculo apontado na questão anterior:**

Não há vínculos desse tipo.

**Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?**

Não.

**Descreva o vínculo apontado na questão anterior:**

Não há vínculos desse tipo.

**Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?**

Não.

**Que interferências foram detectadas?**

Nenhum efeito inesperado do tipo foi detectado.

**Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo**

Não há conflitos de interesse.

**A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?**

Não.

**Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?**

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

**Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?**

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

**A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?**

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

**O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?**

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

**Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:**

Como se tratou de uma pesquisa basicamente bibliográfica, ela dispensou cuidados éticos especiais, além do rigor na revisão bibliográfica e na análise dos materiais levantados.